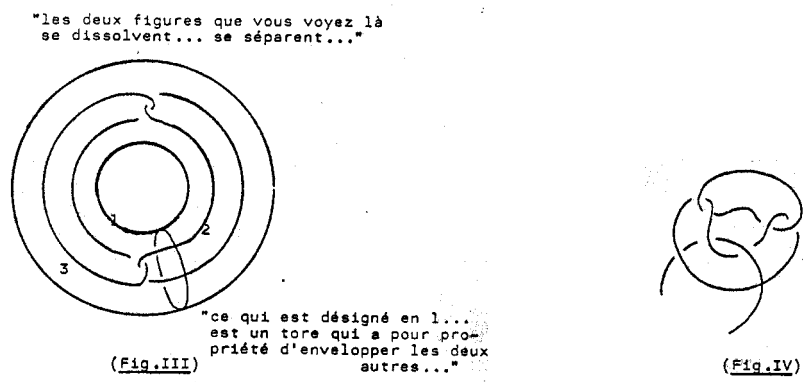




Todavia, faço objeção a Soury acerca disso que não é menos verdadeiro, isto é, que revirando não importa qual destes que se chama de nó borromeano [fig.3], se obtém a figura seguinte, o dois e o três sendo indiferentes; ao revirar o que aqui designei como [1], ou seja, um dos elementos do nó borromeano, que sabemos como se desenha [fig.4]; na figura que se encontra à direita, é claro que as rodinhas de cordão que estão no interior do toro, de um modo equivalente ao que disse nesse instante, podem ser figurados como toros [fig.3]. O que faço atualmente, cada um desses toros revirados envolve dois outros toros, da mesma maneira como está designado em [1] [fig.3], trata-se de um toro que tem por propriedade envolver dois outros na condição de que cada um seja revirado. O que, portanto, está na figura da direita torna-se o que está na figura da esquerda, na condição que cada um desses toros seja revirado.



É claro que as duas figuras da esquerda são mais complexas que as duas da direita. Além disso, o que faz aparecer a terceira figura é isto: uma vez revirado, o toro que designei por [1], vai da esquerda à direita na terceira figura.

Algo me vem ao espírito acerca desses toros: suponham que o que chamei de privilegiar um toro se passe no nível do toro [2], por exemplo; será que é possível imaginar o que o toro 2 se torna, privilegiando-o em relação ao toro 3, ou seja, revirando-o no interior do toro que designei pelo nome de [1], isto é, privilegiando o [2] em relação ao [3]? Nesse caso, o reviramento não mudará nada da relação do toro [2] em relação ao toro [3]; no outro ele equivalerá a uma ruptura do nó borromeano. Isso se deve ao fato de que o nó borromeano se comporta de modo diferente segundo as diferentes rupturas que o reviramento do toro produz.

Vou indicar na figura da esquerda [fig.1] o que é patente: que ao seccionar o toro virado do modo como acabo de fazer, o nó borromenao se desfaz. Em compensação, ao seccionar deste outro modo, o qual suponho que é evidente para todos que é equivalente ao que desenho aqui, o nó borromeano não se dissolve, enquanto que no caso presente, o corte que acabo de fazer aqui, dissolve o nó borromeano.

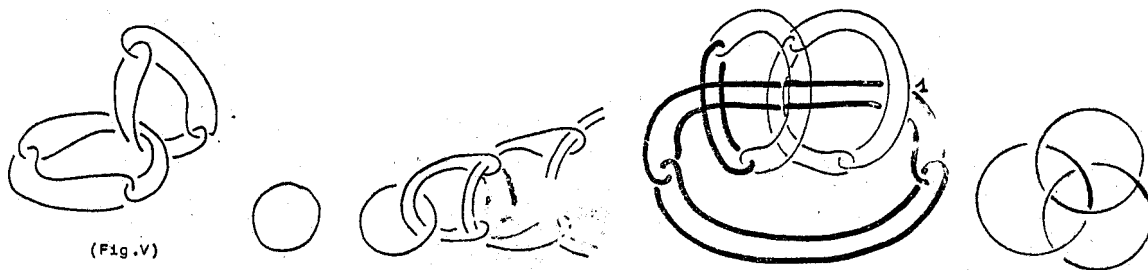
Logo, o privilégio de que se trata, não é unívoco. O reviramento de qualquer um que atinge a primeira figura, não dá o mesmo resultado segundo o corte se apresente sobre o toro de um modo tal que seja, se assim posso dizer, concêntrico ou perpendicular ao furo.

É muito claro que é a mesma coisa, nota-se na primeira e na segunda figura, ou seja, ao romper segundo um traçado que é este aqui da [fig.1], o nó borromeano a três se dissolve, pois é evidente que mesmo no estado de toro, as duas figuras que se vê aí se dissolvem, ou seja, se separam, se aí, o toro virado e cortado no sentido que chamei longitudinal, enquanto que ao outro posso chamar de sentido transversal, o transversal não libera o toro à três enquanto que o longitudinal o libera. Há, pois, a mesma escolha a fazer quanto ao toro virado, segundo se queira ou não dissolver o nó borromeano.

A figura da direita, a que materializa a maneira pela qual é preciso cortar o toro virando-o para liberar os três que restam, penso que se nota bem isso, é claro que ao desenhar as coisas assim, nota-se que o que chamo de nó, se libera de três e secundariamente de quatro.

Proponho que isto é iniciado pelo fato de que no modo de repartir a figuração do quatro, Soury teve uma preferência, isto é, ele preferiu marcar que o quatro deve ser desenhado assim, que é igualmente um nó borromeano. Mas, sugiro que há um nó borromeano a seis, que não é o mesmo que um nó borromeano que se seguiria em fila indiana, que é um nó borromeano mais complexo, com o qual mostro o modo como ele se organiza, ou seja, em relação aos dois que designei de início, eles são equivalentes ao que se produz pelo fato de que um está por cima do outro, e nesse caso, é preciso que o nó borromeano se inscreva estando por cima aquele que está em cima e por baixo aquele que está embaixo. É o que se nota aí: esse está por cima... este está por baixo, aquele está por baixo e por cima, aquele que está por cima. Não é fácil desenhá-lo. Aqui está aquele que está por baixo, o terceiro. Acerca desses dois cortes que estão desenhados aqui, não se tem como perceber que este está por cima, que o terceiro corte está, portanto, por cima e por baixo daquele que está por baixo.

Coloco a questão: revirar um destes que estão aqui dá o mesmo resultado desta figura que chamei de 'em fila indiana', isto é, um seis tal que se apresenta assim? Um, dois, três, quatro, cinco, seis, o todo terminando pela rodinha que está aqui. Será que revirar o seis assim fabricado dará o mesmo resultado que o reviramento de um qualquer destes três seis? Já temos uma indicação de resposta, que o resultado será diferente. Será diferente porque o modo de revirar qualquer um dos seis que chamo de fila indiana dará algo análogo ao que está desenhado aqui. Em compensação, o modo como esta figura [fig.5] se revira dará diferente.



Peço desculpas por ter questionado diretamente Soury. É certamente muito válido introduzir o que enunciei hoje. A distinção do que chamei corte longitudinal e corte transversal é essencial. Penso que se tem indicação suficiente deste corte. O modo como ele é feito é muito decisivo. O que é que resulta do reviramento de um dos seis tal como desenhei aqui, é o que é importante de se saber, e colocando-os em suas mãos desejo ter disso a palavra final.